

Espelho...

Cirlene Fernandes¹

Quando dei por mim, percebi que havia esquecido meu espelho de bolsa com Vitória. Estava no Largo da Carioca. Ali, sem meu espelho. Mas para que eu precisaria de um espelho num dia tão quente de outono? Nem sei.

Alô, Vitória... você está com meu espelho, ficou dentro da tua bolsa.

Nossa! Nem percebi, devolvo depois, outro dia.

Não, preciso dele hoje.

É claro que esse diálogo é ficcional, Vitória é ficcional, eu sou, você também é...

Então... pegue o ônibus que te espero aqui no Méier.

Eu sabia o porquê disso tudo. Um espelho é sempre o mesmo, não importa a origem... todos refletem a mesma coisa?

Quando cheguei, lá estava Vitória, com um vestido de florzinha, esperando por mim com uma garrafa de água mineral na mão. (Pode ser que em alguns momentos ela tenha se perguntado o porquê da minha ida até lá. Será que ela ficou pensando na possibilidade de ter algo além? E tinha algo além?)

... Água mineral na mão. Uma certa curiosidade estampada na face. Mas, discreta como ninguém, ficou calada.

Nada de diálogos. Peguei o espelho e caminhei para a estação de trem. É o melhor caminho de volta para casa. Mas pensando bem detesto andar de trem. Tem um cheiro ruim, sinto náuseas. Não gosto do cheiro de borracha. Mas por que tem cheiro de borracha? Será que

tem cheiro de borracha ou é uma criação minha? Mas tem cheiro de borracha e pronto!

Para variar não tinha lugar... exceto uma vaga entre uma pessoa e outra. Aliás, nem sei por que eles estavam tão separados. Bem, esperei alguém perceber que só eu estava de pé.

Com licença.

Consegui me enfiar entre uma pessoa e outra. Nem percebi a fisionomia, não quis olhar. Sentir o corpo daquelas pessoas já era demais. Aquilo tudo me deixava incomodada. Aí, como sempre, tentei me despir daquela situação de ficar dentro de um trem. Mas alguma coisa me trazia àquela realidade. Aquelas pessoas me apertando... um bebê que chorava no colo da inexperiente mãe. Um casal que tentava, sem sucesso, discutir a relação para passar o tempo. Duas meninas que disputavam quem contava mais vantagens... mas por que eu não consegui sair dali? Tinha muitas coisas para arrumar na minha cabeça. Simplesmente queria não ser nada naquele momento nauseante. Posso pintar em quadros tudo que via, vi, vejo... por alguns instantes tudo parecia se congelar. Como se isso fosse me agredir de alguma forma. Aquelas pessoas me olhavam com olhos que buscam alguma coisa. Todo mundo me olhava como se olha para um espelho. Senti-me em espelho. Queria me olhar também. Será que minha face refletia alguma coisa? Qual a sensação de se olhar um espelho? Por que nos olhamos no espelho?

O sol estava quente. Um dia perfeito para se ir à praia, certamente a água estaria transparente, refletindo como um espelho. Lembrei da garrafa de água que Vitória segurava na mão, lembrei da minha ida até o Méier, lembrei do espelho...

Nossa!!? Não quero mais falar sobre espelhos, não sei por que não consegui deixar esse maldito espelho no Méier. Será que todo mundo se olha com a mesma intenção? Como Vitória se olha? Será que se olhou?

O sol estava quente. O vento pegando no meu cabelo. Aquilo me irritava. Transpirava muito, não conseguia encostar no

assento do trem. Aquelas pessoas não me davam espaço. Acabei ficando em evidência, como um espelho que vive esperando ser olhado. Mas não queria ser olhada. Queria me quebrar naquele momento.

A criança ainda chorava, devia ser o calor. O cheiro continuava insuportável. Estava me causando nojo. Sentia vontade de vomitar. E tudo se agravou quando entrou no vagão um senhor vendendo refrigerante. Alguém que estava do meu lado direito resolveu comprar uma latinha. Quando se preparava para dar o primeiro gole... o trem partiu, atirando a latinha contra o próprio corpo. Acabou se molhando. Molhou todo o pescoço, eu vi, muita gente viu. Aquela pessoa que nem tinha um rosto, ganhou... agora um pescoço... foi a única coisa que consegui sentir vontade de olhar. Nem sei por que senti vontade de olhar aquele pescoço. O líquido manchou a blusa azul... É, acho que a blusa era azul.

Quando pensei que tudo fosse voltar para o seu estado “normal” ouvi uma voz me perguntando se eu tinha um espelho, já que, precisava saber dos estragos causados pelo refrigerante.

...

Cansei disso tudo... do trem, dessas pessoas me olhando, do cheiro de borracha, da mãe inexperiente, da minha ida até o Méier, do vestido florido, da garrafa de água e principalmente da voz que me pedira um espelho...

... Quem me deu esse espelho? Não me olho no espelho na frente de ninguém. Fico nua quando me vejo.

Calma, espere... não consigo definir a cor dos meus olhos... tenho algumas marcas expressivas em torno da boca. Meu sorriso está calado.

¹ Mestranda em Literatura Brasileira e Teorias da Literatura pela Universidade Federal Fluminense. **Pesquisa:** Os desdobramentos de Joana na narrativa clariceana. (Título provisório). E-mail: cirlenee01@hotmail.com